Perfil de utilização e conhecimento de mulheres usuárias da fitoterapia como alternativa terapêutica

Use and Knowledge Profile of Women Using Phytotherapy as an Alternative Therapeutic

Andressa Rodrigues de Sousa¹, Stella Mendes Souza¹, Helen Cristina Fávero Lisboa^{2*}

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Rondonópolis;

²Farmacêutica Bioquímica, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, UNESP, Mestre e Doutora em Biotecnologia, Instituto de Química, UNESP, Professora do Curso de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Rondonópolis

Resumo

Introdução: a fitoterapia é uma prática integrativa e complementar de saúde amplamente utilizada pela população feminina. Entretanto, estudos revelam que é significativo o desconhecimento sobre os riscos do uso inadequado dessa prática, pelo entendimento de que, por ser natural, ela não apresentaria malefícios à saúde. **Objetivo:** avaliar o perfil de utilização e conhecimento das usuárias de fitoterápicos e plantas medicinais. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo com delineamento transversal, não experimental. A coleta de dados foi realizada utilizando-se um questionário com perguntas sobre a fitoterapia. **Resultados:** participaram da pesquisa 200 mulheres usuárias da fitoterapia, a maioria com idade entre 26 e 59 anos (60%), casadas (45,5%), com renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos (34%). Um quantitativo de 85% afirmou não saber a diferença entre plantas medicinais e fitoterápicos, 79% desconhecem as diferenças nas formas de uso de uma planta medicinal, 58,5% afirmaram não conhecer os riscos do uso indiscriminado da prática e 89,5% não receberam orientação de um profissional de saúde sobre a forma correta e segura de utilização da planta com a finalidade terapêutica. **Conclusão:** nota-se que existem falhas quanto ao conhecimento das mulheres sobre o uso adequado da fitoterapia, bem como se registra uma deficiência de orientação adequada sobre seu uso racional. Dessa forma, se faz necessário fortalecer a construção de saberes sobre essa prática, não somente entre as usuárias, mas também entre os profissionais de saúde, visando seu uso adequado.

Palavras-chave: Mulheres; plantas medicinais; fitoterápicos; fitoterapia.

Abstract

Introduction: Phytotherapy is an integrative and complementary health practice widely used by the female population. However, studies reveal a significant lack of awareness about the risks associated with the inappropriate use of this practice, based on the assumption that, because it is natural, it poses no health risks. **Objective:** to evaluate the use and knowledge profile of users of phytotherapy and medicinal plants. **Methodology:** this study is quantitative, cross-sectional, and non-experimental. Data collection was conducted using a questionnaire with questions about phytotherapy. **Results:** the study included 200 women users of phytotherapy, with the majority between 26 and 59 years old (60%), married (45.5%), and having a family income of between 1 and 2 minimum wages (34%). Eighty-five percent stated they did not know the difference between medicinal plants and phytotherapeutics, 79% were unaware of the differences in the ways medicinal plants are used, 58.5% stated they were unaware of the risks of indiscriminate use, and 89.5% had not received guidance from a healthcare professional on the correct and safe use of plants for therapeutic purposes. **Conclusion:** there are gaps in women's knowledge about the proper use of phytotherapeutics, as well as a lack of adequate guidance on their rational use. Therefore, it is necessary to strengthen the development of knowledge about this practice, not only among users but also among healthcare professionals, to promote its appropriate use.

Keywords: Women; Medicinal plants; Phytotherapeutics; Phytotherapy.

INTRODUÇÃO

Com ampla biodiversidade e riqueza étnica e cultural, o Brasil se destaca nas terapêuticas baseadas em produtos naturais, com populações que detêm o tradicional conhecimento da utilização de plantas no tratamento de

diferentes patologias¹. Dessa forma, desde a antiguidade, a flora brasileira tem sido explorada com tal finalidade.

O conceito de fitoterapia como uma prática sociocultural se constituiu através da associação dos conhecimentos e culturas dos povos nativos, como os indígenas, os colonizadores europeus e os africanos no Brasil, o que culminou, na incorporação da fitoterapia na cultura brasileira¹. A partir daí, os saberes empíricos foram transmitidos através de gerações, sendo completamente enraizados na sociedade brasileira². A Organização Mundial da Saúde

Correspondente/corresponding: *Helen Cristina Fávero Lisboa – End: Rua Ararauna, 198 – Condomínio Village do Cerrado. CEP 78.731-618 – Rondonópolis/MT – E-mail: helcrisq@yahoo.com.br / helen.lisboa@ufr.edu.br

(OMS) reconhece que, embora a medicina tradicional esteja bem desenvolvida em vários países, atualmente, 85% das pessoas fazem uso das plantas medicinais para prevenção e cura de enfermidades³.

Define-se como fitoterapia o estudo e a aplicação de plantas medicinais como uma alternativa terapêutica usada na prevenção e manutenção da saúde. É caracterizada pelo uso de partes de plantas medicinais *in natura* ou em diferentes formas farmacêuticas, englobando também os medicamentos fitoterápicos. As plantas medicinais são vegetais, cultivados ou não com finalidade terapêutica, podendo ser administradas por qualquer via ou forma. Elas podem ser frescas, quando coletadas no momento de seu uso, ou secas, quando são precedidas do processo de secagem e estabilização, equivalendo à denominação de droga vegetal. Os fitoterápicos são medicamentos obtidos através da extração da matéria-prima vegetal, com propósito curativo e preventivo, com eficácia e segurança validadas cientificamente⁴.

Um marco na linha do tempo da utilização da fitoterapia, em 2006, foi a criação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), que buscava direcionar a atuação governamental relacionada ao tema. As diretrizes foram estabelecidas visando a garantia de acesso seguro e racional da população a plantas medicinais e fitoterápicos, bem como o uso sustentável da biodiversidade do país³. Ressalta-se, nesse contexto, que a porta de entrada dos usuários no Sistema Único de Saúde (SUS) geralmente é a Atenção Básica, sendo os profissionais que nela atuam os responsáveis pela promoção da saúde, tendo ainda um importante papel na efetivação da fitoterapia e de outras práticas alternativas complementares⁵.

A prática da fitoterapia é amplamente difundida na sociedade, sendo a população feminina o público que mais a aceita, além de ter participação ativa nos setores de saúde. Ou seja, são as mulheres que mais buscam por cuidados em diferentes níveis de atenção à saúde. No entanto, em se tratando dos produtos fitoterápicos, elas desconhecem os riscos de seu uso inadequado, acreditando que, por serem naturais, não apresentariam malefícios à saúde⁶⁻⁷⁷.

A utilização de plantas deve ser realizada com muita cautela, visto que seu uso inapropriado pode levar a interações medicamentosas e toxicidade, trazendo sérios danos ao usuário⁸. Diante disso, é de extrema importância que os profissionais de saúde possam ser capacitados, para conseguir, com segurança, orientar e prescrever a fitoterapia como alternativa terapêutica⁹.

Estudos demonstram que a fragilidade no conhecimento das mulheres sobre os riscos e benefícios da utilização de plantas medicinais e fitoterápicos pode estar vinculada à deficiência na formação dos profissionais de saúde. Observa-se, dessa forma, a existência de lacunas relacionadas à falta de informações e de assistência às usuárias de produtos naturais¹⁰.

Diante desse cenário, a presente pesquisa teve por objetivo avaliar o perfil de utilização e o conhecimento sobre a prática da fitoterapia por mulheres cadastradas em unidades de Estratégia Saúde da Família, no município de Rondonópolis (MT).

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem caráter não experimental, é quantitativa, delimitada de forma transversal por meio da avaliação exploratória e descritiva. A coleta de dados ocorreu entre setembro de 2022 a julho de 2023, em 45 unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Rondonópolis (MT), selecionadas por conveniência, mediante autorização do responsável local, através de entrevistas norteadas por um questionário estruturado com questões sobre a fitoterapia.

A população estudada foi composta por mulheres usuárias de fitoterápicos e plantas medicinais, cadastradas nas unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Rondonópolis (MT). Para o estudo, foi selecionada uma amostra de 200 dessas mulheres, escolhidas de forma não probabilística, por conveniência, conforme a disponibilidade no local da pesquisa. Foram incluídas as que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que tinham idade igual ou superior a 18 anos. Foram critérios de exclusão: mulheres não cadastradas nas ESFs e as pesquisadoras envolvidas no projeto.

Os dados obtidos foram digitalizados em de banco de dados, através do programa Microsoft Excel, sendo realizada uma análise descritiva, com utilização de frequência relativa e absoluta. Foram expostos sob a forma de tabelas para melhor entendimento dos resultados. A correlação entre as variáveis "Já recebeu informação de um profissional de saúde sobre a forma correta de uso, riscos e benefícios" e "Conhece os riscos do uso indiscriminado da fitoterapia e plantas medicinais" foi definida através do teste de qui-quadrado de Pearson, utilizando-se o teste de regressão binomial e multinomial (nível de significância de $p < 0,05$; nível de confiança de 95%), e o programa estatístico o JASP 0.14.1.0.

A pesquisa se desenvolveu de acordo com as condições éticas pautadas na Resolução 466/2012 (parecer 3.965.739; CAAE: 27172519.7.0000.8088).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 200 mulheres cadastradas em ESFs da cidade de Rondonópolis (MT) e consumidoras de plantas medicinais e (ou) fitoterápicos. Predominaram mulheres com idade entre 26 a 59 anos (60%), casadas (45,5%), com renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos (34%) e com ensino médio completo (30,5%) (Tabela 1).

Tabela 1– Características socioeconômicas das mulheres usuárias de fitoterapia. Rondonópolis (MT), 2022-2023.

Variável	N	%
Faixa etária (anos)		
Entre 18 e 25	29	14,5
Entre 26 e 59	120	60
Acima de 60	51	25,5
Renda familiar (salário mínimo*)		
Até 1 salário	53	26,5
1 a 2 salários	68	34
2 a 3 salários	50	25
3 a 4 salários	17	8,5
4 a 5 salários	5	2,5
Acima de 5 salários	7	3,5
Estado civil		
Solteira	71	35,5
Casada	91	45,5
Divorciada	15	7,5
Viúva	20	10
Outros	3	1,5
Escolaridade		
Analfabeta	7	3,5
Ensino Fundamental incompleto	53	26,5
Ensino Fundamental completo	16	8
Ensino Médio incompleto	13	6,5
Ensino Médio completo	61	30,5
Ensino Superior incompleto	15	7,5
Ensino Superior completo	35	17,5

Fonte: dados da pesquisa. /

Nota – *Salário mínimo vigente: R\$ 1.320,00

Representam 15% (30) as que afirmaram saber a diferença entre fitoterápico e plantas medicinais; 21% (42) disseram conhecer as diferentes formas de uso; 100% (200) declararam conhecer a parte da planta a ser utilizada, sendo o uso das folhas a mais citada (84,5%). Desconhecem os riscos do uso indiscriminado das plantas medicinais e fitoterápicos 58,5% (117), e 89,5% (179) afirmaram não ter recebido orientações de um profissional da saúde acerca do uso adequado, riscos e benefícios (Tabela 2).

Um quantitativo de 53% (106) afirmou pesquisar antes do uso; 75% (150) responderam indicar para outras pessoas o uso das plantas para tratamento de doenças; 47% concordam plenamente com a frase “se é natural não faz mal”; 90,5% (181) utilizam há mais de um ano, tendo recebido a indicação de um parente (79%) e adquirido a partir de produção própria (56%) (Tabela2).

Tabela 2 – Distribuição das mulheres usuárias de produtos naturais das Estratégias de Saúde da Família (ESFs), quanto ao uso e conhecimento da fitoterapia. Rondonópolis (MT), 2022-2023.

Pergunta	Resposta	N	%	IC 95%*	p**
Sabe a diferença entre fitoterápico e planta medicinal?	Não	170	85	79,3 – 89,6	< .001
	Sim	30	15	10,4 – 20,7	
Sabe as diferentes formas de uso de uma planta medicinal?	Não	158	79	72,7 – 84,4	< .001
	Sim	42	21	15,6 – 27,3	
Que parte da planta utiliza?	Folha	169	84,5	78,7 – 89,2	< .001
	Casca	2	1	00,1 – 03,6	
	Flor	3	1,5	00,3 – 04,3	
	Raiz	6	3	01,1 – 06,4	
	Outra	20	10	06,2 – 15,0	
Já recebeu informação de um profissional de saúde sobre a forma correta de uso, riscos e benefícios?	Não	179	89,5	84,4 – 93,4	<.001
	Sim	21	10,5	06,6 – 15,6	
Conhece os riscos do uso indiscriminado da fitoterapia e de plantas medicinais?	Não	117	58,5	51,3 – 65,4	0.019
	Sim	83	41,5	34,6 – 48,7	
Procura pesquisar sobre os produtos (plantas medicinais ou fitoterápicos) antes de utilizá-los?	Não	94	47	39,9 – 54,2	0.437
	Sim	106	53	45,8 – 60,1	
Qual sua opinião sobre a frase: “se é natural não faz mal”?	Discordo	94	47	39,9 – 54,2	0.437
	Parcialmente	59	29,5	23,3 – 36,3	
	Plenamente	47	23,5	17,8 – 30,0	
Há quanto tempo faz uso de fitoterápico e (ou) de plantas medicinais?	Menos de 1 ano	19	9,5	05,8 – 14,4	< .001
	Mais de 1 ano	181	90,5	85,6 – 94,2	
Quem indicou ou prescreveu?	Amigo	7	3,5	01,4 – 07,1	< .001
	Farmacêutico	2	1	00,1 – 03,6	
	Nutricionista	5	2,5	00,8 – 05,7	
	Médico	2	1	00,1 – 03,6	
	Parente	158	79	72,7 – 84,4	
	Outro	19	9,5	05,8 – 14,4	
Como adquiriu?	Redes sociais	7	3,5	01,4 – 07,1	0.104
	Amigo	4	2	00,5 – 05,0	
	Estab. comercial	43	21,5	16,0 – 27,8	
	Farmácia	3	1,5	00,3 – 04,3	
	Parente	31	15,5	10,8 – 21,3	
	Produção própria	112	56	48,8 – 63,0	
Indica o uso das plantas para o tratamento de doenças?	Vizinho	7	3,5	01,4 – 07,1	< .001
	Não	50	25	19,2 – 31,6	
	Sim	150	75	68,4 – 80,8	

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda – IC 95%, intervalo de confiança a 95%; * Teste qui-quadrado de Pearson.

Observa-se uma diferença estatística entre os grupos em relação ao conhecimento da diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais ($p < 0,01$), entre as que sabem ou não as diferentes formas de uso ($p < 0,01$), assim como entre as que receberam ou não orientações de profissionais de saúde ($p < 0,01$). Houve também diferença estatística entre as mulheres que conhecem ou não os riscos do uso indiscriminado da fitoterapia ($p < 0,01$) e em relação ao tempo de uso ($p < 0,01$). No que diz respeito à indicação do uso das plantas para o tratamento de doenças, verifica-se também a existência de diferença estatística entre as que responderam afirmativamente e as que responderam negativamente à questão.

Os resultados mostraram que 58,5% (117) das mulheres desconhecem os riscos do uso inadequado da fitoterapia, porém 89,5% (179) relataram não ter recebido nenhum tipo de orientação a partir de um profissional da saúde sobre a forma correta de uso, riscos e benefícios do uso das plantas medicinais e fitoterápicos (Tabela 2). A análise bivariada entre essas duas variáveis, mostra a associação entre elas ($p < 0,001$) (Tabela 3).

Tabela 3 – Análise bivariada: orientação recebida de um profissional de saúde sobre a forma correta de uso, riscos e benefícios da fitoterapia e conhecimento dos riscos de toxicidade e interação medicamentosa que podem ocorrer com o uso inadequado de fitoterápicos e plantas medicinais. Rondonópolis (MT), 2022-2023.

Variável	Resposta	Total N (%)	p-valor*
Recebeu orientação de um profissional de saúde sobre a forma correta de uso?	Não	179 (89,5)	
	Sim	21 (10,5)	
Conhece os riscos de toxicidade e interações medicamentosas que podem ocorrer com o uso inadequado dos fitoterápicos e plantas medicinais?	Não	117 (58,5)	< 0,001
	Sim	83 (41,5)	

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda – * Teste do qui-quadrado de Pearson

No que se refere ao uso de plantas medicinais, a Tabela 4 apresenta as mais utilizadas pelas participantes, sendo a erva cidreira a mais citada (35,5%), seguida de hortelã (14,5%) (Tabela 4).

Tabela 4 – Principais plantas medicinais utilizadas pelas mulheres das ESFs de Rondonópolis (MT), 2022-2023.

Nome citado	Uso	N	%
Erva cidreira	Calmanete	71	35,5
Hortelã	Gripe e tosse	29	14,5
Boldo	Digestivo	23	11,5
Camomila	Insônia	10	5
Ora-pro-nóbis	Inflamação	8	4
Amora miúda	Menopausa	5	2,5

Fonte: dados da pesquisa.

DISCUSSÃO

A população feminina constitui o público que mais busca cuidados em diversos âmbitos da saúde, ou seja, possui participação ativa nos setores de saúde, além de revelar maior aceitabilidade pelos produtos naturais, sendo receptivas a estratégias que visam a naturalidade⁶. No último censo demográfico, realizado em 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que a cidade de Rondonópolis (MT) contava com 244.897 habitantes, dos quais 118.644 eram mulheres, o que equivale a 48,4% da população geral. Ressalta-se que, dentre elas, 48.176 mulheres se encontravam na faixa etária de 26 a 59 anos¹¹, dado que corrobora este estudo, no qual a amostra foi composta por uma maioria na mesma faixa etária, comprovando que ela é a que mais se faz presente nas unidades de saúde e, neste estudo, as que possuem o hábito pessoal de utilizar a fitoterapia.

Em pesquisa realizada no ano de 2018 com docentes e funcionários técnico-administrativos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi observado um grande número de mulheres que utilizavam plantas medicinais e fitoterápicos para os cuidados em saúde, ressaltando que a grande prevalência do uso da fitoterapia na população feminina pode ser devido ao fato de as mulheres herdarem de suas mães os dotes culinários e domésticos, assumindo, historicamente, o papel de cuidadoras da família¹².

Uma análise bibliométrica internacional, publicada pelos autores Manzano, Cadernas, Agugliaro¹³ (2020), ratificou que o uso de plantas medicinais foi se perpetuando, ao longo das gerações, conhecido como medicina tradicional. A medicina tradicional pode ser considerada como a soma total de conhecimentos, práticas e habilidades baseados em teorias e crenças de povos de diferentes culturas, utilizados com o intuito de manutenção da saúde, prevenção de doenças e tratamento de patologias físicas e (ou) mentais.

Quanto às variáveis relacionadas a estado civil e renda familiar, este estudo encontrou resultados semelhantes aos de Carneiro et al.¹⁴ (2020), que constataram, em usuários de comunidades rurais do município de Francisco Beltrão (PR), a predominância de mulheres com renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos. Também Guedelha et al.¹⁵ (2022), em estudo semelhante realizado em comunidades ribeirinhas do Rio Amazonas, constatou o predomínio de mulheres casadas (83,2%). Já em relação ao nível de escolaridade, esta pesquisa mostra predominância de participantes com Ensino Médio completo (30,5%), dado condizente com o encontrado em um estudo com gestantes de duas Unidades de Saúde do município de Senador Pompeu (CE), em que a maioria das participantes (41,7%) concluiu o Ensino Médio¹⁶.

Grande percentual das entrevistadas desconhece a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais (85%),

o que é concordante com o encontrado em estudo realizado com os usuários da fitoterapia em Estratégias de Saúde da Família de um município na região Sul do Mato Grosso, em que 63% dos entrevistados não sabiam a diferença de sentido entre esses termos¹⁷. A não identificação dessa diferença terminológica pode ser explicada pelo desconhecimento das mulheres a respeito do saber científico, visto que a fitoterapia é transmitida através do conhecimento de cunho popular, o que pode ser correlacionado com a falta de informações fidedignas acerca dessa prática.

Ainda foi possível observar que 79% das entrevistadas não conhecem as diferenças sobre as formas de uso de uma planta medicinal, havendo uma diferença estatística ($p < .001$) em relação as mulheres que conhecem essas diferenciações. Em contrapartida, outro estudo mostra que 58% dos usuários de plantas medicinais e fitoterápicos conhecem as diferenças sobre a forma de uso, ressaltando ainda que o chá é a principal forma de uso de plantas medicinais¹⁷.

A pesquisa mostra que o uso das folhas é preferencial na elaboração dos chás (84,5%), um resultado similar ao encontrado em pesquisa realizada no município de Quixadá (CE), na qual 85% dos entrevistados utilizavam as folhas para o preparo dos chás, tanto na forma de infusão como de decocção¹⁸. E, em outro estudo da mesma natureza, no município de São João do Paraíso (MA), 97,8% dos indivíduos da amostra alegaram usufruir das folhas para a mesma finalidade¹⁹, fato que pode ser explicado pela facilidade de coleta das folhas, disponíveis em todas épocas do ano.

Das plantas citadas e mais utilizadas pelas participantes do estudo, a erva cidreira, foi mencionada 71 vezes (35,5%), seguida pela hortelã (14,5%) e pelo boldo (11,5%). Esses dados foram também relatados por Ferreira et al.²⁰ (2019), em seu trabalho com moradores do município de Alfenas (MG), em que foram citadas várias plantas utilizadas pela população do estudo, dentre as quais as mais citadas foram a hortelã (21,7%), a erva cidreira (18,5%) e o boldo (8,5%).

O consumo de plantas medicinais e fitoterápicos tem sido estimulado com base na teoria de que o que é natural não é prejudicial à saúde. Porém, em oposição ao que se acredita, os produtos naturais podem causar malefícios à saúde, principalmente em se tratando do uso associado aos medicamentos alopáticos, o que pode ocasionar uma interação medicamentosa, – evento clínico em que o efeito (ou a eficácia) de um medicamento é alterado pela presença de outro, sendo essa uma das principais causas de problemas relacionadas aos medicamentos alopáticos²⁰. Apesar de a toxicidade das plantas medicinais ser relatada como inferior à dos alopáticos, elas possuem substâncias perigosas e tóxicas, que podem causar reações de hipersensibilidade, podendo até mesmo evoluir para um choque anafilático⁵.

Em uma Unidade Básica de Saúde de Mossoró (RN), no grupo de atendimento às mulheres no climatério da

Universidade Regional de Rio Grande do Norte (UERN), foi constatado o pouco conhecimento das entrevistadas a respeito da fitoterapia, bem como de seus efeitos indesejáveis quando utilizada de forma inapropriada, com apenas o conhecimento experimental dessa prática, adquirido a partir da relação com familiares, amigos, vizinhos, etc.²¹. Tais resultados corroboram com os aqui relatados, segundo os quais 58,5% (117) das usuárias da fitoterapia afirmaram desconhecer os riscos do uso inadequado dessa prática.

É importante lembrar que, apesar de as plantas serem consideradas, por grande parte da população, como uma opção terapêutica isenta de riscos, com completa segurança de uso, existem algumas substâncias vegetais que podem ser tóxicas ao organismo, quando utilizadas de forma errônea e (ou) excessiva, sem a consciência do uso seguro e racional¹².

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ANVISA²² (2022), publicou, em sua cartilha orientativa, informações acerca dos riscos relacionados ao uso indiscriminado de plantas medicinais e fitoterápicos, pois, como qualquer medicamento industrializado, eles também podem causar danos à saúde com o seu uso inadequado, tais como: problemas no sistema nervoso (neurotoxicidade), no fígado (hepatotoxicidade), alteração das funções renais, da pressão arterial, etc. Por isso, destaca-se a importância de escolher a planta correta, conhecê-la, saber a dosagem certa e seu modo de preparo, frisando que a utilização desses produtos deve ser feita mediante acompanhamento de profissional que conheça a fitoterapia para indicá-la como opção terapêutica.

Sobre a afirmação “se é natural não faz mal”, 53% concordam parcial ou plenamente com ela, o que pode ser comparado ao que foi encontrado em estudo desenvolvido com moradores do Distrito de Eleutério, município de Itapira (SP), no qual 50% dos participantes alegaram fazer uso dos produtos naturais justamente por terem total confiança em sua eficácia, reafirmando a opinião de que as plantas, por serem espécies extraídas diretamente da natureza, não apresentam nenhum malefício²³. Essa informação é preocupante, uma vez que muitos fatores devem ser considerados, entre eles, o fato de que a planta pode sofrer influências do ambiente onde foi cultivada, como a presença de contaminantes prejudiciais à saúde, como microrganismos e substâncias tóxicas²². Além disso, salienta-se que o risco de intoxicação causado pelo uso indevido deve ser levado em consideração, pois pode ocasionar reações alérgicas, dermatites de contato, até efeitos mais graves que podem afetar o sistema nervoso central. Assim como existem os riscos de interação medicamentosa, no que diz respeito ao uso concomitante de fitoterápicos e alopáticos. Essa interação, pode causar efeitos indesejáveis, como a redução ou efeito contrário ao esperado e efeitos adversos⁸.

Do total das entrevistadas, 53% das participantes garantiram realizar buscas por informações sobre as

plantas medicinais e fitoterápicos antes de utilizá-los. Quando indagadas sobre a fonte da pesquisa, a grande maioria revelou ter como base de conhecimento os meios de comunicação, sendo maior a busca na Internet. Mas, de acordo com um estudo publicado no XV Encontro de Extensão Universitária da UFCG, boa parte das informações disseminadas nas redes sociais não possui embasamento científico, sendo popularmente conhecidas como *fake news*, devendo-se levar em consideração a confiabilidade dos endereços acessados²⁴. Portanto, as orientações acerca do uso seguro da fitoterapia devem partir de profissionais de saúde, atuantes em unidades de saúde e capacitados a realizar a prescrição dessa prática, com os conhecimentos científicos indispensáveis para reduzir os riscos à saúde e garantir eficácia e segurança⁹.

É significativo o número de mulheres que fazem uso de plantas medicinais e (ou) fitoterápicos com diferentes finalidades, como, por exemplo, amenizar os desconfortos do climatério ou da menopausa, da gravidez, entre outras situações. De acordo com o Ministério da Saúde²⁵ (2020), o climatério é um período fisiológico caracterizado por um declínio na produção de hormônios, marcando a transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva, e não deve ser considerado um problema de saúde, mas sim um período importante e inevitável na vida da mulher, sendo um processo natural.

Algumas mulheres, na fase do climatério e da menopausa, não apresentam sintomas. Entretanto, estudos mostram que 60% a 80% das mulheres que vivenciam essa fase apresentam sintomas climatéricos. Os sintomas característicos desse período são variáveis: a mulher pode apresentar ondas de calor (fogachos), ressecamento vaginal, irregularidades na duração dos ciclos menstruais, sintomas psíquicos como irritabilidade, instabilidade emocional, risco aumentado de doenças cardiovasculares, dentre outros. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) considera que a expectativa de vida das mulheres brasileiras é de 72 anos, e que esse aumento da expectativa de vida tem grande impacto sobre a saúde da população feminina, tornando necessária a adoção de medidas que visem a garantia de uma melhor qualidade de vida durante e após o climatério²¹.

Existem alguns fitoterápicos que são considerados moduladores seletivos dos receptores estrogênicos, pois agem sobre os receptores hormonais, melhorando, assim, as manifestações clínicas decorrentes da decadência de estrogênio. Os fitoterápicos utilizados pelas mulheres em fase climatérica são conhecidos popularmente como fitoestrogênios, devido a sua ação análoga à do estrogênio. Contudo, deve-se destacar que a utilização errônea das plantas, sem o devido acompanhamento, pode levar a consequências negativas na saúde da mulher²⁶.

Embora algumas mulheres optem pelo uso dos chás para aliviar os desconfortos causados pelo climatério, elas não possuem conhecimento fidedigno sobre as formas corretas de uso, ou seja, acabam por não ter regularidade

no consumo de plantas. Esse uso indiscriminado pode acarretar sérios problemas de saúde. Esse fato demonstra ainda a ausência de conhecimento dos profissionais de saúde em relação à fitoterapia, e reflete o quanto a temática ainda é escassa nos meios acadêmicos e pouco aceita pelos profissionais de saúde, o que pode resultar na desvalorização dessa forma de cuidado como uma alternativa terapêutica²¹.

Outro exemplo marcante do uso da fitoterapia por mulheres é na gestação, correspondendo a um grupo específico que necessita de cuidados e orientações em relação à prática, uma vez que os riscos do uso inapropriado da fitoterapia, nessa fase, se intensificam ainda mais, já que o período gestacional é permeado por inúmeras alterações inerentes a esse processo. Ressalta-se que os riscos desse uso são ainda maiores nos três primeiros meses de gestação, que é um período de extrema suscetibilidade a abortos espontâneos e malformações, além da possibilidade de ocasionar erros no número de cromossomos, contribuindo para a perda gestacional²⁷.

Diante da existência do paradigma de que os produtos naturais não causam malefícios para sua saúde e a saúde do feto, as gestantes usam indiscriminadamente as plantas para o controle dos desconfortos fisiológicos da gestação, como náuseas, vômitos e azia. Elas desconhecem que muitas plantas medicinais, pelo uso inadequado e sem o acompanhamento de um profissional de saúde, podem causar reações indesejáveis, como efeitos embriotóxicos, abortivos e teratogênicos²⁷.

Muitos fitoterápicos utilizados podem causar retardo no crescimento fetal, ou ter ação sobre o sistema nervoso central, e, portanto, não devem ser utilizados durante a gravidez²⁸. A utilização de plantas medicinais por gestantes deve ser seguida com toda cautela, sempre com acompanhamento do profissional de saúde, que deve conhecer as substâncias contraindicadas durante o período gravídico, a fim de traçar um plano de ação com a finalidade de garantir uma gestação saudável, isenta de riscos relacionadas ao uso da fitoterapia²⁹.

O saber referente a essa prática é transmitido de geração a geração e revela uma comunicação ativa em seu processo de construção e transmissão, sendo a família uma importante responsável por ele. A fitoterapia, na saúde da mulher, é crucial para o fortalecimento da prática de cuidados, além de valorizar seu papel na sociedade, visto que elas cultivam e transmitem esse conhecimento, fortalecendo a cultura¹⁵.

Em estudos recentes, com o objetivo de buscar determinar o perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil e sua relação com a pandemia de covid-19, verificou-se que, das respostas obtidas, 72,2% foram de mulheres, ou seja, o público feminino é o que mais buscou produtos naturais durante esse período³⁰. Uma pesquisa realizada com mulheres

cadastradas na Estratégia Saúde da Família, em três municípios no interior do estado de Tocantins, apontou que, 66,7% das entrevistadas faziam uso de plantas medicinais e que, com o surgimento da covid-19, deram continuidade a esse costume, relatando que, por falta de condições financeiras, algumas plantas constituíam uma opção terapêutica para a prevenção das formas graves dessa doença³¹.

É conhecido, cientificamente, que as plantas medicinais possuem propriedades biológicas capazes de estimular as reações do sistema imune, conferindo um aumento na resposta imunobiológica do indivíduo³⁰. Entretanto, estudos mostram que não existem plantas medicinais com comprovação científica para o tratamento da covid-19, sugerindo que esse uso pelas mulheres, visando a cura dessa doença, se dá, prioritariamente, pelo pensamento de que aquilo que é natural faz menos mal do que os remédios convencionais³².

Ainda no contexto da pandemia de covid-19, observou-se um aumento na procura de práticas alternativas que atuassem na prevenção e na cura³¹. Os seres humanos não possuíam imunidade protetora contra esse vírus, e isso fez com que a população optasse por outros meios, sendo a mais comum e de fácil acesso as plantas medicinais³².

A maior parte das entrevistadas neste estudo (89,5%) afirmaram não ter recebido nenhuma informação de um profissional de saúde atuante na ESF sobre a forma correta de uso, riscos e benefícios da fitoterapia, podendo ser observada uma grande diferença estatística ($p < .001$) quando comparadas com as que receberam orientações a partir de um profissional de saúde. Trata-se de um dado alarmante, uma vez que o ESF é um espaço voltado para a promoção da saúde e prevenção de agravos, com o intuito de promover assistência à saúde, e o uso de plantas medicinais está muito presente na sociedade, como parte da cultura brasileira. Tais resultados podem sugerir uma carência de conhecimentos dos profissionais de saúde em relação à temática, uma vez que outros estudos relataram o desconhecimento e a falta de capacitação desses profissionais sobre o tema e sua consequente insegurança para prescrição e orientações relacionadas à fitoterapia⁷⁻⁹.

Conforme apontam Acosta-Recalde et al.³³ (2018), em seu estudo observacional realizado com os pacientes cadastrados no Programa Nacional de Diabetes (PND), as práticas terapêuticas que abrangem o uso das plantas medicinais são muito arraigadas na sociedade brasileira. Destacam que a Organização Mundial da Saúde (OMS), com a ampliação das políticas públicas voltadas para as práticas alternativas e complementares, incorpora os medicamentos naturais com eficácia cientifi-

camente comprovada. Porém é fundamental a promoção da cultura do uso seguro das plantas medicinais e dos fitoterápicos, bem como a divulgação de informações pertinentes a essa prática, tanto com os consumidores, como com os profissionais de saúde.

Em estudo realizado em áreas urbanas de cinco municípios localizados no Planalto Sul Catarinense (SC), um grande percentual dos participantes (74%) relatou fazer uso de remédios caseiros como primeiro procedimento quando alguém da família adoecer. Tal dado evidencia que existe uma diversidade cultural nas práticas de cuidado, que são pautadas nos saberes originários do núcleo familiar, passados, inconscientemente, entre as gerações³⁴, corroborando nosso estudo, que mostrou a prática da fitoterapia sendo transmitida através de gerações, com 79% das entrevistadas afirmando que a indicação para o uso de plantas medicinais veio a partir dos pais ou avós.

Tais concepções também são abordadas em outros trabalhos, segundo os quais o conhecimento adquirido sobre a temática se deu através dos antepassados, de gerações anteriores, que recorriam a essa prática quando algum familiar estava enfermo. Pode-se destacar, então, que a principal forma de repasse das informações acerca das plantas medicinais é consolidada através da cultura familiar, uma prática secular, baseada no conhecimento popular, transmitida através de gerações, consciente ou inconscientemente³⁵. Ainda na atualidade, a transmissão de saberes dessa prática está presente nas comunidades, principalmente em comunidades de baixa renda, em que as pessoas podem não ter acesso aos medicamentos industrializados, seja por motivos financeiros, seja pelo fácil acesso, uma vez que os fitoterápicos são extraídos diretamente da natureza.

Sobre a facilidade de acesso a plantas medicinais, tal informação é evidenciada pelo fato de a maioria das participantes deste estudo (55,5%) referirem adquirir esses produtos naturais através de produção própria, ou seja, em sua própria plantação, o que se correlaciona com um estudo realizado no município de São João do Paraíso (Maranhão), onde a maioria da população entrevistada (55,5%) colhe as plantas em sua própria horta¹⁹. Tais resultados demonstram que o fácil acesso às plantas medicinais voltadas para o tratamento de patologias e manutenção da saúde torna, ainda mais, a fitoterapia uma prática de cuidado corriqueira nas comunidades, sendo o primeiro recurso utilizado para aliviar sintomas causados por algumas doenças.

Em contrapartida, esse fácil acesso a plantas medicinais leva as mulheres e os demais usuários a utilizá-las de forma indiscriminada, sem regularidade no consumo, fazendo uso inadequado desses produtos e aumentando a exposição a riscos. Os dados analisados no presente estudo possibilitaram identificar fragilidades em relação ao conhecimento das mulheres sobre o uso adequado de plantas medicinais e fitoterápicos como alternativa terapêutica. Tal fato contribui para que essa prática seja utilizada de forma indiscriminada por elas e seus

familiares, uma vez que são escassas, ou até mesmo inexistentes as informações recebidas acerca dos riscos do uso inadequado.

Diante do exposto, levando em consideração que o uso indiscriminado das plantas medicinais pode acarretar em sérias consequências à saúde da mulher, expondo-a aos riscos de toxicidade e interação medicamentosa, é válido ressaltar a importância da orientação obtida, através de um profissional de saúde, acerca do uso seguro e racional dos produtos naturais. A orientação profissional, junto aos saberes do paciente, é fundamental para que haja efetividade na adesão a essa prática, além de ser crucial para alertar sobre os potenciais riscos do uso inadequado da fitoterapia⁹. Além disso, é importante considerar que a mulher possui um papel crucial na transmissão de saberes da fitoterapia, tanto na família como nas comunidades.

Nesse contexto, é indispensável que os profissionais de saúde se qualifiquem sobre o tema, para que possam efetivar essa prática em seu cotidiano, orientando as usuárias sobre os benefícios e riscos do uso de plantas medicinais e fitoterápicos, bem como os riscos da automedicação, destacando a utilização correta da fitoterapia como um recurso terapêutico mais seguro e eficaz. Dessa forma, promove-se uma assistência de melhor qualidade aos usuários de produtos naturais, já que a fitoterapia é uma das práticas complementares de maior procura pela população, como uma opção terapêutica de fácil acesso e baixo custo.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu avaliar o perfil de utilização e o conhecimento sobre a fitoterapia entre as mulheres cadastradas em unidades de Estratégia Saúde da Família no município de Rondonópolis (MT). Verificou-se a existência de falhas no conhecimento delas acerca do uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Os resultados apontam que o perfil de utilização é predominantemente influenciado pela transmissão de saberes familiares e pela crença de que o natural não faz mal, fatores que, sem a devida orientação profissional, contribuem para a utilização inadequada e a exposição a riscos. Uma vez que o público feminino possui participação ativa nos serviços de saúde, e que, na maioria das vezes, as mulheres são as transmissoras dos saberes relacionados a essa prática, tal situação contribui para a disseminação das informações errôneas quanto ao uso da fitoterapia.

Desse modo, destaca-se a necessidade de qualificação dos profissionais de saúde acerca do tema, levando em consideração a vasta biodiversidade brasileira, o baixo custo, a acessibilidade e aceitabilidade da fitoterapia pelas mulheres. O conhecimento científico dos profissionais de saúde é de suma importância, para que consigam, com segurança, orientar e promover a utilização apropriada de plantas medicinais e fitoterápicos no cotidiano das mulheres, tendo como consequência a diminuição no uso

indiscriminado dessa terapia, com a redução dos riscos de intoxicações e interações medicamentosas. Assim, será possível promover a qualidade de vida, com o uso das plantas como alternativa terapêutica pelas mulheres e, consequentemente, em outros segmentos populacionais.

Para que essa mudança ocorra, os profissionais precisam ser adequadamente preparados pelas instituições formadoras para fornecer o suporte comunitário no que diz respeito ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Diante disso, é preciso uma atenção maior dos gestores públicos na implementação de programas locais que contem com a participação dos profissionais de saúde, em integração com a comunidade.

Em síntese, os achados sublinham que, apesar da ampla utilização e do forte componente cultural da fitoterapia entre as mulheres, há uma clara deficiência no conhecimento sobre seu uso seguro e racional. Isso aponta para a urgente necessidade de capacitação dos profissionais de saúde da atenção básica para que possam fornecer orientações adequadas. Ao integrar o conhecimento científico à prática popular, é possível mitigar os riscos de intoxicações e interações medicamentosas, promovendo um uso mais consciente e benéfico da fitoterapia e, consequentemente, melhorando a qualidade de vida das mulheres.

REFERÊNCIAS

1. Rocha LPB, Alves JVO, Aguiar IFS, Silva FH, Silva RL, Arruda LG, et al. Uso de plantas medicinais: histórico e relevância. *Res, Soc Devel.* 2021;10(10):1-11. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18282>
2. Alves MA, Siqueira SS, Martins GP, Teixeira CD. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos como terapia alternativa e seus riscos à saúde. *Cadernos Camilliani.* 2019;16 (1):1020-35.
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2016 [acesso em: 2023 set 16]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf
4. Secretaria-Executiva de Atenção à Saúde (BR). Glossário temático Práticas Integrativas e Complementares em Saúde [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018 [acesso em: 2023 set 16]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_praticas_integrativas_complementares.pdf
5. Costa IM, Alencar IR, Lyra JA, Nascimento MFS do, Silva Júnior RN da, Damasceno SS, et al. Uso de Plantas Medicinais e Fitoterápicos na Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde.* 2019 jul;26e828:1-8. doi: <https://doi.org/10.25248/reas.e828.2019>
6. Lima MVC, Lima TJA, Oliveira KKD, Ferreira VO. Plantas medicinais e fitoterápicos no universo das práticas integrativas e complementares: um estudo bibliométrico. *Rev Enferm Atual In Derme.* 2021;95(36):1-11. doi: <https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.36-art.1167>
7. Patrício KP, Minato ACS, Brolio AF, Lopes MA, Barros GR, Moraes V, et al. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Rev Ciência e Saúde Colet.* 2022;27(2):677-86. doi: [10.1590/1413-8123202272.46312020](https://doi.org/10.1590/1413-8123202272.46312020)

8. Gonçalves RN, Gonçalves JRSN, Buffon MCM, Negrelle RRB, Ratmann YD. Plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde: riscos, toxicidade e potencial para interação medicamentosa. *Revista APS*. 2022;25(1):120-53. doi: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2022.v25.16611>
9. Caboclo EKD, Santos JB, Sousa AR, Bordin AO, Castro LS, Lisboa HCF. Fitoterápicos e plantas medicinais na prática dos profissionais de saúde em Unidades de Estratégia Saúde da Família. *Rev Ciênc Méd Biol*. 2022 maio-ago;21(2):211-7. doi: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v21i2.47704>
10. Pedrosa RS, Andrade G, Pires RH. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. *Rev Saúde Colet*. 2021;31(2):1-19. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312021310218>.
11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. Censo de Rondonópolis de 2022: população rondonopolitana. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
12. Stefanello S, Kozera C, Ruppelt BM, Fumagalli D, Camargo MP, Sponciado D. Levantamento do uso de plantas medicinais na Universidade Federal do Paraná, Palotina – PR, Brasil. *Rev Ext Foco*. 2018 jan-jul;15:15-27. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ef.v1i15.52776>
13. Manzano ES, Cardenas JAG, Agugliaro FM. Worldwide Research Trends on Medicinal Plants. *Int J Env Res Public Health*. 2020;17(10):1-20. doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph17103376>
14. Carneiro VPP, Gumy MP, Otênio JK, Menetrier JV, Medeiros KA, Bonkoski VR. Perfil do uso de plantas medicinais por moradores da área rural de um Município do Estado do Paraná. *Res, Soc Dev*. 2020;9(10):1-27. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8710>
15. Guedelha CS, Ramos SCS, Carneiro ALB, Ribeiro Junior OC, Felipe AOB, Costa CBA, et al. Saberes e práticas de mulheres ribeirinhas no climatério: autocuidado, uso de plantas medicinais e sistemas de cuidado em saúde. *Res, Soc Dev*. 2022;11(3):1-12. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26391>
16. Lima MB, Santos SLF, Barros KBNT, Vasconcelos LMO, Pessoa CV. Plantas medicinais utilizadas por gestantes em Unidades Básicas de Saúde. *Rev Uniandra*. 2019;20(2):91-8. doi: <https://doi.org/10.5935/revuniandra.v20i2.1237>
17. Lara AC, Oliveira CM, Mendes VA, Stocco P, Hein MMF, Lisboa HCF. Avaliação do consumo de produtos naturais por usuários de Estratégias de Saúde da Família do município de Rondonópolis – MT. *Revista Univap*. 2019 jul;25(47):98-109. doi: <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v25i47.2071>
18. Santos SLF dos, Alves HHS, Barros KBNT, Pessoa CV. Uso de Plantas Medicinais por idosos de uma Instituição Filantrópica. *Rev Bras Pesqui Ciênc Saúde*. 2017;4(2):71-5. doi: 10.6084/m9.figshare.8120819
19. Parente RM, Sousa HS, Nova LESV, Carmo VS, Silva DSL, Azevedo MAB. Conhecimento e uso de plantas medicinais pelo Município de São João do Paraíso - Maranhão. *Braz J Dev*. 2022 fev;8(2):15336-46. doi: 10.34117/bjdv8n2-450
20. Ferreira ET, Santos ES, Monteiro JS, Gomes MSM, Menezes RAO, Souza MJC. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão integrativa sobre a atuação do enfermeiro. *Braz J Health Rev*. 2019 maio-jun;2(3):1511-23.
21. Oliveira AKD, Oliveira KKD, Souza LB, Lins RHP. Uso de plantas medicinais e fitoterápicos no climatério e menopausa. *Res, Soc Dev*. 2021 jul-ago;10(10):1-18. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18752>.
22. Ministério da Saúde (BR). Agência Nacional de Vigilância Sanitária -ANVISA. Anvisa lança cartilha de fitoterápicos e plantas medicinais [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022 [acesso em 2023 set 13]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2022/anvisa-lanca-cartilha-de-fitoterpicos-e-plantas-medicinais>
23. Martelli A, Carvalho LAHB. Percepção dos moradores do distrito de Eleutério, município de Itapira-SP, acerca da utilização de plantas medicinais. *Rev Arch Health Investig*. 2019; 8(2):79-84. doi: <http://dx.doi.org/10.21270/archi.v8i2.3164>
24. Moura ALDA de, Santos VRL, Marinho TO, Nóbrega LMMO, Santos CG, Oliveira Filho AA de. Relato de experiência sobre a divulgação dos conhecimentos básicos relacionados à fitoterapia. *Caderno Impacto em extensão*. 2022;2(1).
25. Ministério da Saúde (BR). Menopausa e climatério [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020 [acesso em: 2023 set 13]. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/menopausa-e-climaterio/>
26. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Manual de Atenção à Mulher no climatério/ menopausa [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008 [acesso em: 2023 set 13]. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio.pdf
27. Pires CA, Andrade GB, Oliveira OLS. O uso de medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais por gestantes. *Rev Fitos*. 2021;15(4):538-49. doi: <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2021.1176>
28. Silva MSC, Guedes JPM. Segurança no uso de plantas medicinais e fitoterápicos durante a gestação. *Res, Soc Dev*. 2022;11(7):1-6. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29431>
29. Abreu da Silva AC, Botelho de Santana LL. Os riscos do uso de plantas medicinais durante o período gestacional: uma revisão bibliográfica. *Rev Acta Toxicol Argent*. 2018;26(3):118-25.
30. Braga JCB, Silva LR. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. *Braz J Health Rev*. 2021; 4(1):3831-9. doi: 10.34119/bjhrv4n1-303
31. Barbosa RLQ, Lima EO, Dias AK, Pereira RA, Couto GBF do. A busca pelo uso de plantas medicinais na prevenção de infecção por COVID-19, no interior do Estado do Tocantins, Brasil. *Rev Humanid Inov*. 2022;9(10):95-108.
32. Silva Neto JG da, Fernandes MSL, Rocha FVT, Santos MSAC, Silva AL dos R, Rodrigues M do DC, et al. Influência de plantas medicinais e fitoterápicos durante a pandemia da COVID-19. *Rev Científica Multidisciplinar*. 2023;4(2):1-11. doi: <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i2.2643>
33. Acosta-recalde P, Lugo G, Vera Z, Morinigo M, Maidana GM, Samaniego L. Uso de plantas medicinales y fitoterápicos en pacientes con Diabetes Mellitus tipo 2. *Mem Inst Investig Cienc Salud*. 2018;16(2):6-11. doi: 10.18004/Mem.iics/1812-9528/2018.016(02)06-011
34. Duarte AM, Masiero AV, Boff P, Pucci MO. Saberes e práticas populares no uso de plantas medicinais em espaço urbano no Planalto Sul Catarinense. *Rev Bras Agroecologia*. 2020; 15(1):27-39. doi: 10.33240/rba.v15i1.22978
35. Falcão JG, Marinho LC, Zanandrea I. Uso medicinal de plantas no povoado Muquila, Arari, Maranhão – um estudo etnobotânico. *Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*. 2022;7(1):67-87. doi: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v7i1.11258>

SUBMISSÃO: 15/02/2025
ACEITE: 20/06/2025